

**Mediações interétnicas na fronteira da Amazônia: missionários,  
indígenas e sertanejos no Araguaia Paraense - (1897-1952)**

**Interethnic mediations on the Amazon frontier: missionaries,  
indigenous and backwoodsmen in Araguaia Paraense - (1897-1952)**

DOI:10.34117/bjdv7n2-057

Recebimento dos originais: 21/01/2021

Aceitação para publicação: 04/02/2021

**Milton Pereira Lima**

Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – Unifesspa (2019)

Docente da Seduc-Pa, Semec-Redenção, FIC- Redenção

Endereço: Rua Francisco Borges da Costa, nº 2691, Capuava, I. Redenção, Pará

E-mail: miltoncau@yahoo.com.br

**José Rodrigues de Carvalho**

Doutor em Geografia – UFG (2019)

Docente da Seduc-Pa, Semec-Redenção, Fesar- Redenção

Endereço: Avenida Comandante Vicente de Paula, 172. Redenção, Pará

E-mail: zecaupoeta@hotmail.com

**Gilberto Ribeiro Borges**

Mestre em Educação e Meio Ambiente - UFPA (2019)

Docente da Semec- Redenção

Endereço: Rua Noberto Lima, Nº 604. Núcleo Urbano. Redenção, Pará

E-mail: sociologofic.edu@gmail.com

**RESUMO**

O presente estudo se propõe compreender as mediações interétnicas que moldaram parte da história do “Araguaia Paraense”/“vale do Araguaia” na fronteira da Amazônia brasileira entre os estados do Pará e do Goiás. Para entender a formação dessa região, essencialmente o povoado de Conceição do Araguaia buscou-se as marcas históricas/antropológicas dos atores sociais que nas suas mediações e práticas culturais contribuíram na construção do espaço objeto de análise. O percurso metodológico da pesquisa consistiu na leitura e na análise *do corpus* documental composto por “arquivos” produzidos pelos religiosos dominicanos (livros e periódicos, revistas e jornais, além de apostilados tematizando tanto a ação evangelizadora, como biografias de missionários e da história das Missões e da própria Catequese dos Indígenas Kayapó e Karajás. Somam se essas fontes dissertações, teses, artigos e livros sobre a temática. A produção discursiva dos dominicanos evidencia que a missão evangelizadora, a Catequese e a fundação da Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia, intencionalmente ou não, colaboraram com a política de Estado de “povoar”, explorar e controlar a região tida como longínqua, conflituosa e de difícil vigilância estatal. As mediações entre os moradores do Araguaia

deram-se de maneira a proporcionar “desenvolvimento” para poucos e morte e “desterritorialização” para outros muitos.

**Palavras-chave:** Conceição do Araguaia, Catequese, Dominicanos, Narrativas missionárias, Memória dominicana.

## ABSTRACT

This study aims to understand the interethnic mediations that shaped part of the history of the "Araguaia Paraense" / "Araguaia valley" on the border of the Brazilian Amazon between the states of Pará and Goiás. To understand the formation of this region, essentially the village of Conceição do Araguaia sought the historical / anthropological marks of the social actors who in their mediations and cultural practices contributed to the construction of the space object of analysis. The methodological path of the research consisted of reading and analyzing the documentary corpus composed of “archives” produced by Dominican religious (books and periodicals, magazines and newspapers, in addition to handouts on both evangelizing action and biographies of missionaries and the history of the Missions and of the Catechism of the Kayapó and Karajás Indigenous People. These sources include dissertations, theses, articles and books on the theme. whether or not they collaborated with the State policy of “populating”, exploring and controlling the region considered distant, conflictive and difficult to monitor by the state. The mediations between the residents of Araguaia took place in order to provide “development” for a few and death and “deterritorialization” for many others.

**Keywords:** Conceição do Araguaia, Catechism, Dominicans, Missionary narratives. Dominican memory.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste estudo objetivou-se compreender as mediações interétnicas que moldaram parte da história do “Araguaia Paraense” ou “vale do Araguaia”<sup>1</sup> (OLIVEIRA, 1941) localizado na fronteira da Amazônia brasileira entre os estados do Pará e do Goiás. Procurou-se analisar os meandros da formação da história *cultural* a partir das “esferas discursivas” sobre sujeitos da época da formação da Catequese de Conceição do Araguaia. Assim como averiguar as motivações interpessoais quando se ergueu “*A obra final - Conceição do Araguaia (1896-1898)*” (GALLAIS, 1945), tendo como fontes de pesquisa os livros: “O Apóstolo do Araguaia” (GALLAIS, 1945) e “Os sertanejos que eu conheci” (AUDRIN, 1963) “Entre sertanejos e índios do Norte (AUDRIN, 1947).

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Américo Leonidas Barbosa de. **O Vale Tocantins-Araguaia**; possibilidades econômicas, navegação fluvial, Imprensa Nacional, Rio, Ministério da Viação e Obras Públicas, 1941.

## 2 O PERCURSO TEÓRICO/METODOLÓGICO E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Para entender a formação do “Sul do Pará”/“Araguaia Paraense”, essencialmente o povoado na margem do Rio Araguaia, buscar-se-á antes as marcas históricas/antropológicas dos atores sociais que nas suas mediações e práticas culturais contribuíram para ajudar na construção do objeto de análise. Para essa pesquisa nos apoiamos, ainda, na concepção de cultura semelhante à de Laraia (1986, p. 44) “afirmando a dupla aptidão do homem durante a evolução humana: a plasticidade do *homo sapiens* e sua preponderante faculdade de aprender. Modo que se pode apreender, a título inicial, que a cultura tem múltiplos significados, e, é composta por múltiplos elementos, ou seja, é uma epopeia imbricada de mediações que entrelaça pontos da historicidade humana.

Para estudar essas imbricações pode-se tomar como objeto de análise o trabalho, os costumes, as tradições dos povos, as formas de moradia, de alimentação, de culto ao corpo, as mais variadas que existem mundo a fora e que jogam na constituição da nossa identidade.

Com base nas fontes estudadas, pode-se ressaltar que há uma tradição migratória, na qual a presença francesa deixa marca na história do norte do Brasil, em específico nos estados do Pará<sup>2</sup> e Maranhão. Exemplo dessa marca está aqui no extremo Sul do Pará, que é a presença dos missionários franceses dominicanos durante a formação dessa região.

Na atualidade se têm a liderança de Dom Dominique Marie Jean You, que também é francês. Foi o mesmo que cedeu parte da fonte que se tornou nosso *corpus* de pesquisa. Fonte esta composta de “documentos” diversos, tais como mapas, textos, relatos em formato de ata, relatórios e cartas, bem como fotos, que compõem a chamada “Memória Dominicana”.

Dentre os “arquivos” produzidos pelos religiosos, têm-se também uma considerável quantidade de livros e periódicos, a saber: revistas e jornais, além de apostilados tematizando tanto a ação evangelizadora, como biografias de missionários e da história das Missões e da própria Catequese dos Indígenas Kayapó e Karajás.

---

<sup>2</sup> Aqui estamos nos referindo a presença da Ordem dos Dominicanos que após cruzarem a margem direita do Rio Araguaia fundaram a Catequese de Conceição, expandindo e moldando à sua maneira as fronteiras desse lado da Amazônia.

Essa vasta documentação, incluindo fotografias, abriga na lógica da narrativa dos dominicanos, fatos da época em que esses religiosos chegaram à região,

À 14 de abril de 1897, dia de quarta-feira Santa, o Padre Gil Villanova, renovando o gesto histórico de Frei Henrique de Coimbra, no momento da Descoberta do Brasil, celebrou o santo Sacrifício debaixo de um frondoso "piquizeiro" e batizou o lugar com o nome de Conceição do Araguaia, em homenagem à Virgem Imaculada. (AUDRIN, 1947, p. 79).

Após a instalação de sua catequese, os missionários passaram a fazer contato com os agrupamentos indígenas e com sertanejos, estes dispersos por “lugarejos”, “currutelas” e fazendas da região. Os religiosos também passaram a descrever, segundo sua “memória dominicana”, os aspectos das primeiras casas, a vila, as aldeias indígenas, os sertanejos, as embarcações- úbas - um dos principais meios de transportes. Além de conflitos e fatos políticos observados no local.

Um fato importante nesse contexto da territorialização dominicana foi o projeto e o período da construção da Catedral de Conceição do Araguaia. Essa obra e seu processo de edificação se encontram retratados pela memória dos missionários em fotos e em um documentário em vídeo sobre a história da Diocese, intitulado: “*A Santíssima toca as beiras do Araguaia*”, produzido em 2011, ano do centenário da Diocese.

O documentário foi realizado a partir do depoimento de vários entrevistados: religiosos, pesquisadores, pessoas da comunidade e indígenas Kayapó, inclusive uma mulher Kayapó convertida ao cristianismo, que narra sua profissão de fé. Na capa do DVD<sup>3</sup> há uma sinopse onde se pode ler:

1897 Frei Gil toca na beira do Araguaia, inicia uma aventura envolvendo índios Caiapós e sertanejos do Goiás. Esta aventura se chama Conceição do Araguaia. 1911 O Papa São Pio X cria a Prelazia de Santíssima Conceição do Araguaia dando como primeiro Bispo, um ex-companheiro de Frei Gil, Domingos Carrerot. Este vídeo relata essa história com seus desafios e suas consequências. (Prelazia de Conceição do Araguaia, 2011).

Nota-se que a narrativa áudio visual tem objetivo em reafirmar a presença e edificação de uma das obras mais importante para a Igreja na região que é a fundação da cidade e da prelazia da Santíssima Conceição do Araguaia e como os indígenas estão presentes nos alicerces dessa história.

<sup>3</sup> *A Santíssima toca às beiras do Araguaia*: produtora século XXI. Imagens de Rafael Turchetti, Produção de Renato Moretto, edição de Luciano Toi, 2011.

O percurso metodológico e teórico - as vias para a elaboração desta pesquisa - consistiu na leitura e na análise desse *corpus* documental citado, além da consulta a uma extensa bibliografia: dissertações, teses, artigos e livros sobre a temática da vinda e da fixação dos dominicanos, tanto na região do Sul do Pará, quanto no antigo Norte de Goiás, atual Estado do Tocantins.

Nesse sentido, ainda foram realizadas leituras e análises dos hábitos e dos discursos dos missionários sobre os costumes dos indígenas e dos sertanejos, habitantes da região, onde a Diocese estende seus domínios, a saber: território que hoje recebe a denominação de “Sul” e “Sudeste do Pará”.

Nesta pesquisa desenvolveu-se a partir de uma sistemática e classificatória leitura documental, isso, dado o tamanho do *corpus* da pesquisa. Adotou-se, portanto, uma postura metodológica no sentido interdisciplinar; não se utilizou apenas uma dada “ferramenta de análise” ou método, mas lançou-se mão de recursos teóricos e metodológicos da antropologia, da história e da linguística.

Segundo Hissa (2013), ao discorrer sobre uma investigação científica o pesquisador é parte do seu “objeto” de pesquisa. Não havendo pesquisa isenta da ideologia de seu realizador, isso ocorre pelo fato de haver uma participação direta de quem pesquisa sobre seu “universo pesquisado”; no nosso caso não foi diferente.

Este estudo tem fundamentação na relação de existência entre “sujeito e objeto”, pois neste caso o “Araguaia Paraense<sup>4</sup>” é o *locus* de nossa vivência, é parte de nossa experiência com o “objeto de estudo”, daí vem parte da motivação para analisá-lo.

Com efeito, durante o dia 04 de julho de 2011, numa segunda-feira, em pleno veraneio concepcionense, foi celebrado os 100 anos da mais antiga Diocese da região do Sul do Pará. À frente das comemorações estava Dom Dominique - Bispo Diocesano de Santíssima Conceição do Araguaia - ordenado ainda no ano de 1981 e nomeado Bispo em 08 de fevereiro de 2006, pelo então Papa Bento XVI, com a responsabilidade sobre a

---

<sup>4</sup> O **Araguaia Paraense** como descrição geográfica apontada aqui se refere ao território que é parte do Pará. Local em que 1911, foi instalada a Diocese de Conceição do Araguaia, é a mesma área que compreende a ação evangelizadora dos missionários dominicanos no que hoje se denomina como “Sul do Pará”. Também chamado de “**Vale do Araguaia**”, por se situar basicamente entre os rios Araguaia, Xingu, Itacaiunas, e Tocantins, mas, a descrição mais precisa da localização da região onde atuavam os religiosos é apontada por Audrin: “vinte e cinco léguas abaixo, na margem paraense, (do Araguaia) encontrou de facto, depois de saltadas as violentas corre de iras de “Caldeirão” e de “Três Portas”, um ponto reconhecido até hoje como único em toda a extensão do Araguaia. A posição geográfica, verificada mais tarde por diversas comissões científicas, era exatamente: 8°15', ao Sul da linha equatorial, a latitude de Recife” (OLIVEIRA, 1941, p. 79).

referida Prelazia do “Vale do Araguaia”. As celebrações, festas e missas da singular data católica foram mencionadas por Araújo em 2011, assim:

Ao promover a festa de 100 anos da criação da Diocese de Santíssima Conceição do Araguaia, a Igreja Católica mudou a rotina da cidade que já recebe milhares de turistas devido ao período de veraneio. Atraídos pela forte ligação com a Igreja, várias caravanas chegaram à Conceição na última sexta-feira (01/07), para participar da extensa programação que só terminou no domingo (03/07). Elas vieram de 14 municípios que fazem parte da Diocese como Redenção, Rio Maria, Xinguara e Santana do Araguaia. Ao todo foram registrados mais de 4 mil participantes. (ARAÚJO, 2011, DEPOIMENTO).

Tanto a Prelazia de Conceição do Araguaia quanto às demais instituições dominicanas, há mais de um século mantêm uma produção literária sobre a “memória” e a história da fundação de suas Dioceses, Catequeses e a presença de seus missionários no Brasil. Um exemplo desse registro é a “Coleção Memória Dominicana”, livretos produzidos semanalmente de maneira artesanal entre as décadas de 1980 e 1990.

Não por acaso a Ordem dos Pregadores é reconhecida por agregar em suas fileiras clérigos intelectuais que, segundo Antonio (1996, p.41), “O missionário dominicano que veio trabalhar no Brasil possuía uma sólida formação moral e intelectual”. Essa formação intelectual é notória nas várias obras dominicanas que, parte delas foram analisadas neste estudo.

Contudo, há, ainda, uma farta documentação para ser explorada, como atas, relatórios, cartas de missionários, mapas da região do Araguaia, da cidade de Conceição do Araguaia e de ordenação, enfim, de variados assuntos da alçada dos religiosos e de suas relações sociais e religiosas nas comunidades as quais eles estavam inseridos.

A pesquisadora Caixeta (2013) escreveu sobre as “*Santas*” *missões Dominicanas no final do século XIX*. Em seu artigo, a autora além de analisar os discursos e as estratégias pastorais dos religiosos, delinea parte da produção literária dominicana, referendando quem foram os autores, as fases e os principais temas abordados na “Coleção Memória Dominicana”,

Os primeiros volumes da Coleção Memória Dominicana são de biografias. O v.1 Frei Gil Vilanova: apóstolo dos Índios (1851-1905), por Frei Ephrem Lauziere em 1934. O v.2 Frei Vicente de Mello: primeiro dominicano brasileiro (1854-1881), por Frei Reginaldo Fortini. O v.3 Frei Guilherme Vignau: missionário companheiro de Frei Gil de Vilanova (1865-1903), por Frei Ephrem Lauziere (1938). O v.4 Frei Estevão Gallais e Sua Obra Missionária, por Frei Ephrem Lauziere (1939). O v.5 Frei Angelo Dargaignaratz (1848-1905), por Frei Ephrem (1938) e o v.6 Frei Raimundo

Anfossi (1858-1915), por Frei Ephrem (1938). O v.7 Frades Dominicanos no Brasil, por Frei Jacinto Lacomme (1922). O v.8 Frei Gil de Vilanova e Suas Excursões Missionárias em Busca dos Índios, sem autor e sem data. O v. 9 Frei Antonio Sala, por Frei R. Bonhomme, 1937. O v.10 Rádio Educadora do Araguaia, por Frei Alano Porto de Menezes, sem data. O v. 11 D.Frei Domingos Carrerot: Bispo de Porto Nacional, sem autor e sem data. O v.12 Cartas do Brasil, por Frei Estevão Gallais, são 83 páginas, escritas em 1883, relatando sua viagem ao norte de Goiás. O v.13 Missões Populares Dominicanas, por Frei Alano, sem data. O v.14 Crônicas da Missão em Conceição do Araguaia (1896-1938), organizado por Frei Alano, reproduz artigos publicados nas revistas francesas da ordem e cartas enviadas pelos missionários aos seus superiores, o mesmo foi feito no v.15 Crônicas da Missão Dominicana em Porto Nacional (1877-1936). (CAIXETA, 2013, s/p.).

Por conseguinte, baseado na leitura e análise dessa produção bibliográfica foi que tentamos identificar as mediações sociais entre os atores do “Araguaia Paraense” e as bases da formação cultural da região estudada. Buscamos suporte complementar, primordialmente nas obras: “O Apóstolo do Araguaia” e “Gorotirés”, ambas produzidas no contexto da criação da Diocese de Conceição do Araguaia, a primeira de Gallais e a segunda de Thomaz. Nelas, os autores expõem seus enunciados, parte de seus discursos, essencialmente sobre os indígenas, seja durante os primeiros contatos ou no decorrer da evangelização e “pacificação” do “outro” nativo.

As obras mencionadas foram escolhidas, devido apresentarem relevantes informações sobre os indígenas, sertanejos e os próprios missionários. Esses livros já foram analisados e estudados por vários pesquisadores, entre eles, Moreira (2001, p.17), que afirma: “Frei Gil Vilanova, com sua imensa barba branca de Patriarca Russo, foi um homem impetuoso, fundador de cidades e pacificador de índios”.

Ademais, tendo como objeto da análise os discursos e abordagens dos religiosos sobre a “moral” e os “costumes”, modo de vida dos indígenas, tomemos como objeto de análise o próprio discurso dos dominicanos, pois supomos que, muitas áreas e documentos da historiografia tradicional os reduziu a textos e “achados” da arqueologia, e como adverte Le Goff (1924, p.10), “hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se *arquivos orais*; são coletados *etnotextos*”.

O “Sul do Pará” é território de fronteira que, desde a virada do século XIX para o século XX, foi habitado fundamentalmente pelos Kayapó e Karajás, e mais de uma dezena de agrupamentos indígenas. Entretanto, as mediações no convívio entre os migrantes e indígenas não foram harmônicas, pelo contrário, deu-se de maneira conflituosas. Tanto é

que tais mediações levaram ao genocídio de muitos indígenas moradores das matas das proximidades do Araguaia,

O processo de povoação que, com rapidez e intensidade dramática, incidiu sobre a sub-tribo Kayapó de Pau D'arco, terminando por extingui-la totalmente (dos 2.500 índios relacionados em 1902 pelo fundador da missão restavam, em 1940, segundo Niemuendajú, duas ou três dezenas; o autor no curso da pesquisa realizada em 1957 conseguiu localizar uma única sobrevivente Irã-amráre, vivendo entre os Gorotiré). (MOREIRA NETO, 1960, p.77).

A catequese e os chegantes promoveram mudanças no modo de vida dos indígenas, colaboraram com a tensão e os conflitos, da mesma forma que desencadearam o reordenamento do território, ocasionando novas “territorializações, “desterritorializações e reterritorializações”, no sentido que Haesbaert (2011, p. 321) utiliza esses termos.

Há varias passagens nos textos dominicanos sobre conflitos entre indígenas e sertanejos. Segundo essas narrativas, havia massacre dos dois lados, todavia, a Igreja, na pessoa dos missionários, foi sempre apresentada como “pacificadora”. Nas fontes, são descritas tentativas de intervenção dos missionários nos conflitos entre indígenas e sertanejos, entre indígenas e soldados representantes do Estado brasileiro, que habitavam longínquas guarnições na margem do Araguaia.

Os dominicanos relatam a presença de migrantes na região do Araguaia vindos de várias regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, muitos buscavam terras para plantar. Essa dinâmica (o encontro entre indígenas, sertanejos e religiosos) consolidou a formação da identidade local.

Nas palavras de Hall (2015, p.74), “as identidades nacionais representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares”. No dinamismo histórico-social no “Sul do Pará” consolidou-se o povoado de Conceição do Araguaia, sob a égide missionária, essas características estão presentes no lugar. A própria cidade com sua paisagem expressa feições da identidade que vem se constituindo a partir do momento inicial de ocupação exposto por Vaz,

A primeira frente de expansão, composta por um grupo sertanejo pastoril de origem nordestina, partiu do Maranhão, cruzou o norte do Goiás e ocupou áreas de pastagens naturais próximas à margem paraense do rio Araguaia, em território indígena Caiapó, nos anos finais do século XIX. Praticamente nesse mesmo período, essa mesma área do Sul do Pará foi escolhida por missionários franceses da Ordem Dominicana como ponto central da missão de catequese. (VAZ, 2013, p.13).

A presença de migrantes de outras regiões do Brasil vindos para o antigo norte do Goiás (atual Tocantins) e para o “Sul do Pará” coincidiu com a saga missionária dos dominicanos nessa mesma região. Há vários relatos da passagem de viajantes, extratores, exploradores da floresta, e, até mesmo de religiosos de outras denominações cristãs – a exemplo de protestantes - entretanto, foram os dominicanos que resolveram fixar moradia e fundar a tão almejada catequese, sob a liderança de Frei Gil. Da mesma forma que orientados por esse religioso, ocorreu o deslocamento de parte da tribo dos Kayapó e de outros moradores das proximidades de Santa Maria para o Arraial de Conceição.

### **3 NARRATIVAS MISSIONÁRIAS DOMINICANAS A RESPEITO DAS ETNIAS INDÍGENAS DO ARAGUAIA PARAENSE**

A formação do território de Conceição do Araguaia tendo a identidade forjada na lógica da moral cristã, ocorreu vinculada à uma “disputa” entre os atores: missionários, que buscavam, segundo Gallais (1945, p.123) “salvar as almas dos indígenas”; os sertanejos, criadores de gado; além da presença de aventureiros (exploradores), que desciam o Rio Araguaia à procura de recursos nas matas. Gallais (1945, p. 97), ao falar da identidade da paisagem natural da região comenta que a existência de algumas propriedades rurais de criadores de gado (sertanejos), “em volta de belas fazendas se estendiam a perder de vista em campos magníficos, em que se pastavam alguns rebanhos”.

A produção discursiva dominicana e sua missão e estratégica de contato para evangelização dos povos indígenas, em particular dos Kayapó e Karajá obedecia a uma lógica doutrinária europeia colonialista política/cultural. Nessa perspectiva diz Coll (2006, p. 27): “quando falamos em cultura estamos aludindo a aspectos intelectuais, folclóricos ou de valores”, fatores que localmente sofreram tentativas de apagamento e transformação por parte dos religiosos.

Além do mais, compreende-se que as narrativas de memórias em bibliografias como as dos dominicanos se fundamentam principalmente em três matrizes ideológicas discursivas: “político-econômico”, “etnocêntrico-cultural” e “religioso-doutrinário”. Estas matrizes ideológicas eram recorrentes no discurso da Ordem dos Pregadores.

A seguir têm-se trechos do discurso dos missionários que descrevem seus tratos com os indígenas do Araguaia:

a) **Discurso “Político econômico”**: “O índio não se preocupa com o dia de amanhã” (*Ibidem.* 1945, p. 142-132). Aqui se tem uma clara visão do “outro” a partir dos seus próprios valores, neste caso, valores ocidentais. Entende-se ser uma orientação na lógica da economia: “o “Padre Vilanova expôs ao fim da sua visita e, para lhe captar as boas graças, ofereceu-lhes pólvora, tabaco e pontilhas de vidro”, (Idem. p. 133). Tal estratégia de aproximação se encontra descrita em vários documentos produzidos pelos próprios evangelizadores. “Pouco a pouco, porém, os índios se tranquilizavam quando lhes apresentavam algumas provisões”, (*ibid.* 1945, p. 133).

A doação de presentes ou “brindes” como afirma Lima<sup>5</sup> (1995) foi umas das estratégias utilizadas para estabelecer confiança, “minando todo o terreno com *brindes*, principal arma de ‘paz’ e de seu engodo”, (...), (LIMA, 1995, p.171), de extrema eficácia para uma aproximação e posterior “pacificação”.

Na esteira dos discursos econômicos encontra-se passagem como essa,

“a primeira coisa que o índio deveria fazer para que se tirassem partido das riquezas de suas terras, era fazer com que aceitassem o princípio da autoridade, em inculcar o respeito à propriedade alheia e em lhes transmitir o amor ao trabalho, assegurando-lhes o gozo das vantagens, que é sua legítima recompensa. O estado social em que viviam os índios no Brasil não traz somente como consequência reduzi-los a uma miséria sórdida”. (*op. cit.* 1945, p.141).

Têm-se aqui valores morais tanto cristãos como social-econômico, de matriz ideológica, produção simbólica, disciplina ao trabalho e produção de excedente.

b) **Discurso “etnocêntrico-cultural”**: “O índio é um bicho mal” (*op. cit.* 1945, p.41). Percebe-se um juízo de valor, a constatação do “outro” como sendo inferior. Ocorre aqui uma alteridade radical onde a discriminação é a regra, pois, “de um lado índios e (de outro), civilizados continuavam em pé de guerra”, (*Ibid.* p. 145), numa relação dicotômica. É a afirmação de duas humanidades, uma do “homem civilizado” nos moldes do europeu, e outra ainda “bárbara”, “selvagem”, não civilizada, que no discurso dos missionários deveria ser cristianizado.

c) **Discurso “Religioso-doutrinário”** que enfatiza: “só ali é que o missionário poderá apanhá-los, amansá-los, como se diz no Brasil, isto é, cristianizá-los”, (*ibid.* 1945, p. 146). Nota-se que as classificações “manso-bravo”, “civilizado-selvagem” estão

---

<sup>5</sup> LIMA, Antonio Carlos de Sousa. **Um grande cerco de paz**: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Vozes, Petrópolis, RJ, 1995.

presentes no discurso missionário e trata-se de uma constante prática divisora que se originava na fala e manifestava-se na prática cotidiana da catequização.

O objetivo máximo da missão era a evangelização, “o padre Vilanova fazia promessas tentadoras. Educaria as crianças até aos quinze ou dezesseis anos, os pais poderiam ir vê-los (...) ao término da educação deles, voltariam à aldeia, com vinte novilhas que o padre se comprometia a oferecer-lhes”, (*op. cit.* p.146). Percebe-se a permanente estratégia de convencimento a partir da oferta de “bens matérias” ou “brindes”. Segundo Audrin, “esses encontros custavam, é verdade, muitos facões, enxadas e machados, muitas calças e saias, muitas tesouras e panelas, mas os resultados religiosos e morais eram evidentes e consoladores”. (1947, p. 132). Também eram dados aos indígenas, produtos de necessidades básicas, como alimentos, ferramentas e utensílios como anzóis e fósforos.

A fronteira entre o Sul do Pará (Conceição do Araguaia) e o Norte de Goiás (Couto Magalhães) era “terra de ninguém”, não no sentido de ser desabitada, mas de ser um território onde os dois Estados faziam-se praticamente ausentes. Isso fomentava uma clara disputa sobre os limites territoriais<sup>6</sup>, tanto é que o governador do Pará, Lauro Sodré confiou a Henri Coudreau<sup>7</sup> uma missão de exploração e reconhecimento de território.

Era quase ausente a ação de políticas públicas ou de assistência social neste lado da fronteira, apesar de cada um dos Estados se preocuparem em preservar o potencial mineral e vegetal para si. Essa contradição governamental foi explicitada nas narrativas dos dominicanos, ao apontarem momentos de disputas por domínio da fronteira. Diante desta vacância política/administrativa os dominicanos agiam, conforme seu ideário de civilização.

No Contexto da criação do povoado de Conceição do Araguaia ocorreu também a exploração da castanha-do-pará e, nas extensas áreas de mata que se estendem do “Sul do Pará” até o “Sudeste” de Marabá. Coincidências a parte, nas primeiras décadas do século XX, deu-se uma corrida migratória para as cidades situadas às margens do Araguaia Paraense, e a aceleração populacional e econômica dos povoados próximos ao Rio Itacaiúnas, migração motivada pela extração vegetal na região.

---

<sup>6</sup> Não por acaso o governo do Pará contratou o explorador francês Henri Coudreau para estudar as fronteiras entre os estados no de1897.

<sup>7</sup> COUDREAU, Henri. Voyage au Tocantins-Araguaya. A. Lahure, Imprimeur-Editeur.Paris.1897.

A partir da análise da produção discursiva dos dominicanos, fica evidente que a missão evangelizadora, a Catequese e a fundação da Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia, intencionalmente ou não, colaboraram com a política de Estado que pretendia ao mesmo tempo “povoar”, “desenvolver”, explorar e manter o controle sobre uma região outrora tida como longínqua, conflituosa e de difícil vigilância estatal.

A ação de cristianização e “educação” dos agrupamentos indígenas, principalmente dos Kayapó, Karajá, Xerente e outros, garantia a manutenção da “civilidade” e da possibilidade de progresso. Todavia, Coll (2006, p. 47) argumenta que forjar mediações sociais a partir de uma matriz cultural que se impõe sobre as demais, é negar o pluriculturalismo, a multiplicidades cultural.

Em um primeiro momento, ocorreu predominância de uma imposição da tradição cultural religiosa românica, isto é, da Igreja Católica Apostólica Romana, na figura dos Frades Pregadores Dominicanos. Dessa forma, deu-se a consolidação de valores morais cristãos, mediados ideologicamente. Já em 1906, com a chegada das Freiras Dominicanas Educadoras, que tinham inicialmente a incumbência da educação das indígenas Kayapó, as mesmas ficaram responsáveis pela educação de toda a vila. Ainda com a “missão educativa”, formou-se posteriormente o “Educandário Santa Rosa de Lima”, como centro educacional em Conceição do Araguaia.

Nos relatos discursivos dos documentos da missão, a “memória dominicana” apresenta uma variedade de temáticas como: “terra, propriedade, educação, evangelização, pacificação, progresso e riqueza”. A respeito de concepção ideológica assim Chauí (2006, p. 73) defende que a formação da identidade cultural do Brasil fundou-se preponderantemente a partir de três mecanismos: “o mitológico, o ideológico e o político”. Portanto, percebe-se uma convergência de interesses entre os entes - Estado e Igreja - sendo que ambos se beneficiavam com o projeto dos missionários.

Não obstante, Frei Gil Vilanova, em momentos de crise, na tentativa de manter sua catequese, buscava auxílio político e financeiro junto aos órgãos oficiais de norte e sul, isto é, recorria a capital do Pará - Belém, e a cidade de Goiás Velho, antiga capital do Estado do Goiás.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo denotou que após o encontro dos sujeitos históricos que culminou com a fundação da Cidade de Conceição do Araguaia, conseqüentemente houve o impulso da

formação das demais cidades do “Sul do Pará”. Deliberadamente ou não, a partir de uma estratégia de poder de sujeitos proprietários de áreas rurais, exploradores de matérias vegetais e minerais, e do próprio Estado, além de missionários religiosos, promoveu-se uma significativa corrida migratória e, portanto, demográfica, com um breve surto urbanístico às margens do Araguaia Paraense.

Nesse interim, logo após a formatação territorial, ensaiou-se, sob o manto moral cristão, uma vivência em comunidade culturalmente diversificada, mas, sob o controle dos missionários.

Assim, mesmo com limitações tecnológicas e de comunicação, o território era composto por atores sociais/culturais heterogêneos, como sertanejos, nordestinos, indígenas Kayapó, Karajá, entre outros os missionários franceses. O resultado das mediações entre tais moradores do Araguaia deu-se de maneira a proporcionar “desenvolvimento” para poucos e em função de conflitos, morte e “desterritorialização” para outros muitos.

A fusão de tradições indígenas e de moradores sertanejos, atores sociais tão diversos entre si, materializou-se no “hibridismo cultural”<sup>8</sup> envolto em imposições, resistências e acomodações; nessa nova fronteira, agora multicultural, tendo a Igreja Católica, representada na figura dos missionários dominicanos agentes da “pacificação”, agindo como mediadores/catequizadores, tanto de um processo de formação identitária, como de uma acomodação desenvolvimentista nos moldes do capitalismo.

Foi nesta dinâmica territorial efetivada no solo das mediações moldadas na violência física e simbólica, entre atores sociais e seus múltiplos interesses, que se fundou o “Sul do Pará, ou “Araguaia Paraense”, local onde há mais de um século a Igreja Católica se instalou implementando por meio da sua ação de evangelizar a missão catequizadora dominicana.

---

<sup>8</sup> Conforme Nestor Canclini (1995), hibridação consiste em considerar as intersecções entre as culturas para estabelecer como objeto de estudo das ciências sociais esses cruzamentos, fusões, conflitos e contradições.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, Edivaldo. **Os dominicanos em Goiás e Tocantins** (1881-1930) fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil. Goiânia: UFG, 1996.

ARAÚJO, Otávio: **Diocese de Conceição faz 100 anos**. Redenção. 01/07/2011. Otavio araujo.blogspot.com/. Acessado em 19/04/2017.

AUDRIN, Frei José M. O. P. **Entre Sertanejos e índios do Norte**. Rio de Janeiro: AGIR, 1947, p. 288.

AUDRIN, Frei José M. O. P. **Os Sertanejos que eu conheci**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.

CAIXETA, Vera Lúcia. **As “santas” missões dominicanas em Goiás no final do século XIX**, Escritas, Volume 5, SP: 2013, p. 127-144.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CHAUÍ, M. Cultura, <democracia e Socialismo>. In: CHAUÍ, M. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação cultural Perseu Abramo, 2006, p. 129- 147.

COLL, A. N. **Proposta para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Instituto Pólis, 2006, p.11-51.

COLEÇÃO MEMÓRIAS DOMINICANAS. Juiz de Fora: s. Ed; s. data (1980-1990). Frei José M. Audrin O. P. **Entre Sertanejos e índios do Norte**. Salvador: AGIR,1947.

COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya**. A. Lahure, Imprimeur-Editeur. Paris.1897.

GALLAIS, Estevão-Maria **Entre os índios do Araguaia**. Diocese de Conceição do Araguaia, 1945.

GALLAIS, Estevão-Maria. **O Apóstolo do Araguaia**: Frei Gil Vilanova, Missionário Dominicano. Rio de Janeiro: Vera Cruz, 1942.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

HISSA, Cassio Eduardo Viana. **Entre notas**. Compreensões de pesquisas. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2013.

LARAIA, Roque de Ramos. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Rio de Janeiro, Zahar 1924.

LIMA, Antonio Carlos de Sousa. **Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. Vozes, Petrópolis, RJ, 1995.

LUIZ, de D. Antônio. **O índio do Araguaia** [et.al.]. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

MOREIRA, Hélio. **A Igreja Católica e a catequese dos índios no Vale do Araguaia**. Conceição do Araguaia. Jornal dos Lagos, 2001.

MOREIRA NETO, C. A. **A cultura pastoral do Pau D'arco**. Boletim Paraense do Museu Emílio Goeldi. Belém, 1960.

OLIVEIRA, Américo Leonidas Barbosa de. **O Vale Tocantins-Araguaia: possibilidades econômicas, navegação fluvial**, Imprensa Nacional, Rio, Ministério da Viação e Obras Públicas, 1941.

VAZ, Vania. **A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará: terra, pecuária e desflorestamento**. 167 p. Tese (Desenvolvimento Sustentável). Centro de desenvolvimento sustentável- CDS. Universidade de Brasília. 2013